Ano VIII — Lisboa, Setembro de 1952 — N.º 89

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

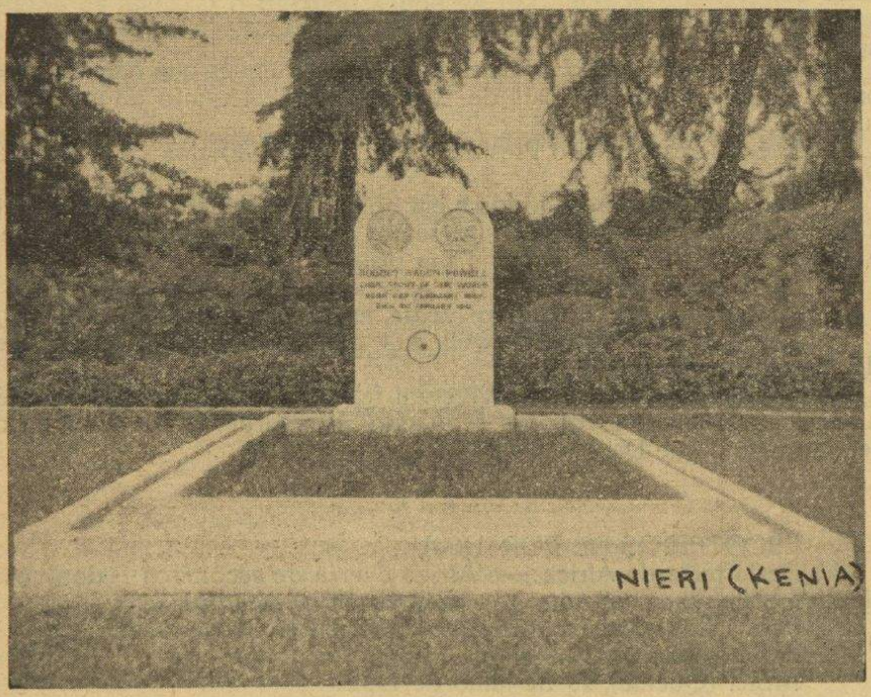
COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A PRESENÇA DE BADEN-POWELL

PELO ENG.º JORGE PEREIRA JARDIM

«Tive uma vida muito feliz e desejo que cada um de vós tenha também uma vida igualmente feliz», foram as palavras do Fundador na última mensagem dirigida aos escoteiros de todo o Mundo.

Quantos homens as poderiam escrever com igual sinceridade e o saberiam fazer de forma tão simples? Quantos homens saberiam, ao cabo



O TÚMULO DE BADEN-POWELL

duma tão longa vida, agradecer a Deus as graças recebidas, e desejar aos outros aquilo que para si haviam possuído?

Recordando essas palavras — que encerram toda uma norma de vida e definem a grandeza duma Alma — pedi a Deus o repouso eterno de Baden-Powell junto à sepultura cavada nesta terra de África, em Nieri, onde, sob os braços da Cruz, a Flor de Lis e o Trevo encimam um sinal de fim de pista...

Aqui descansam os restos humanos de Robert Baden-Powell, único Chefe Escoteiro Mundial.

Aqui, desde 8 de Janeiro de 1941, *vive* Baden-Powell o seu último acampamento, sob o mesmo céu estrelado de África que viu nascer o sonho magnífico de Mafeking.

Está presente Baden-Powell nesta modesta sepultura de soldado e escoteiro.

(Conclui na 2.ª página)

Problemas associativos

A Associação dos Escoteiros de Portugal entrou num período de crise em face do anúncio de que o Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim iria abandonar a presidência da mesma, por ter de fixar residência numa das nossas províncias ultramarinas. A presença do Sr. Eng.º Jardim à frente dos Escoteiros de Portugal, apesar de não exercer a presidência efectiva, era um factor de equilíbrio e estabilidade associativa e constituiu uma grande oportunidade para o Movimento, que os seus colaboradores não souberam aproveitar.

A incapacidade dos dirigentes foi a causa de se ter perdido esta excepcional oportunidade. Tal facto mais encarece ainda o momento que a A. E. P. vive. É necessário escolher um novo presidente, visto que parece completamente impossível que o Sr. Eng.º Jardim possa continuar na presidência e, sobretudo, que o possa fazer de forma efectiva como seria do maior interesse para o Movimento. Então, urge ponderar bem o acto que se vai praticar e compreender que o elemento a eleger terá de estar à altura das circunstâncias, precisa de ter capacidade, dedicação, espírito de tolerância e estar disposto a cooperar com todos os elementos associativos, sem deixar de ter firmeza para exercer uma disciplina que se reconhece indispensável, disciplina essa que nada tem de comum com atitudes de prepotência, o conhecido só eu sei, só eu quero e só eu mando.

O novo presidente poderá não ser um elemento de projecção social, mas necessita de ser escoteiro, pelo menos no espírito, ter hábitos de organizador e estar disposto a um esforço.

Começam já a surgir os pretendentes à nova direcção. Os iluminados, as grandes competências do escotismo nacional. Não duvidamos um instante das boas intenções de tais elementos, acreditamos mesmo que o seu desejo de ocupar os quadros associativos é uma grande paixão pelo Movimento, mas necessitamos de ser prudentes. Talvez os novos dirigentes devam ser pessoas conhecedoras do Escotismo, mas sem serem grandes Mestres. Terem dedicação pelo Movimento, sem serem apaixonados. Todos os excessos, todos os fanatismos são prejudiciais, e já alguém afirmou que o fanático tem falta

(Conclui na 4.ª página)

O 27.º aniversário do Grupo n.º 6

foi brilhantemente comemorado em Olhão

No dia 18 de Junho passado, o Grupo de Olhão comemorou o seu 27.º aniversário, brilhante coroamento de um ano de actividades. De manhã, através das principais ruas da Vila, desfilaram cerca de 100 elementos das divisões do Grupo em festa e ainda deputações dos grupos de Tavira e Faro.

À noite, com a lotação da grande sala da Sociedade Recreativa Progresso Olhanense completamente esgotada, efectuou-se uma sessão solene a que presidiu o Sr. Dr. Agostinho Joaquim Pires, Governado Civil do Distrito, ladeado pelos Srs. Antero Nobre, presidente da Câmara Municipal e Antigo-Escoteiro; Rev. Dr. António Baptista Delgado, Tenente-Coronel Francisco Dentinho, antigo chefe do Grupo 6; Dr. Luís Bernardino da Silva, presidente da Comissão de Patrocínio; João Lobo Miranda Trigueiros, antigo Chefe Regional, que representava o Chefe Geral da A. E. P.; e ainda os representantes dos bombeiros municipais, da Legião, da Mocidade Portuguesa, da Soc. Recreativa proprietária da sala e do Grupo n.º 157 do C. N. E.

Abriu a sessão o Subchefe do Grupo, Sr. Francisco Pina, que leu o relatório das actividades do último ano, ao qual fez judiciosos comentários, lançando um apelo aos muitos amigos do Grupo 6 para que mantenham o seu auxílio à unidade, para que os benefícios do Escotismo possam ser levados ao maior número possível de rapazes de Olhão.

Foram louvados diversos escoteiros do Grupo e lidas mensagens dos escoteiros José Francisco Delgado e Fernando Augusto Carvalinho, ausentes em Lisboa.

Discursaram os Srs. Trigueiros, que relembrou a história do grupo, e o Tenente-Coronel Dentinho recordou velhos tempos, evocando nomes, alguns já desaparecidos, afirmando-se orgulhoso por ver o seu Grupo em tão franca actividade.

Depois de dois lobitos terem passado a escoteiros, foram entregues prémios a patrulhas e o trofeu «Antero Nobre», lindo e valioso trabalho de bronze e mármore, representando S. Jorge em luta com o Dragão. O Sr. Antero Nobre enalteceu o valor da patrulha «Galo» vencedora deste concurso, bem como das outras que tão bem concorreram, afirmando que os que tais provas tinham prestado, dificílimas sobre todos os aspectos, por força tinham de ser bons escoteiros. Os que totalizavam maior número de boas acções, valor preponderante do concurso, foram alvo de aplausos da assistência. O Sr. Antero Nobre terminou pedindo ao Sr. Governador Civil para fazer a entrega do trofeu, acto que foi muito aplaudido.

Seguiu-se a condecoração da guia Satira Elias Delgado, a promessa de Lobitos e Fadas e o Compromisso de Honra de dez novos escoteiros.

Findas estas cerimónias, o Sr. Dr. Bernardino da Silva agradeceu ao Sr. Governador Civil a honra de ter presidido à festa, e uma fada e um lobito entregaram-lhe uma cesta de madeira recortada e pintada, trabalho manual de um escoteiro.

O Chefe do Distrito manifestou a sua satisfação por ter assistido àquela festa e terminou dizendo. —«Aproveitai bem, rapazes, os bens que esta vida vos proporciona, porque Portugal precisa de vós todos».

Terminada a sessão solene, seguiu se um simulacro de fogo de conselho, tendo sido apresentados diversos números de canções, imitações, episódios e recitativos que o público premiou com constantes salvas de palmas.—C.

N. da R. — O «Sempre Pronto» vem acompanhando com muita satisfação o constante progresso do Grupo 6—o Grupo de Escoteiros de mais actividade em todo o país — e felicita sinceramente os seus Dirigentes e Escoteiros por mais este aniversário.

A actividade do Grupo 6 é uma lição para todas aquelas unidades que levam uma vida apagada, sem acção, sem Escotismo.

A PRESENÇA DE BADEN-POWELL

(Conclusão da 1.ª página)

* * *

Viver bem e viver sempre.

Fazer da vida acto de serviço para com Deus. E para Deus servir a Pátria e por Deus servir os outros Homens.

Essa foi a felicidade de Baden-Powell e essa foi a felicidade que nos desejou.

Com esse rumo pôde encher uma longa vida e pôde continuá-la nas nossas vidas.

Se entendermos a sua última mensagem e se a soubermos realizar, no cumprimento da Lei do Escoteiro, poderemos estar seguros de encontrar a felicidade por cima de todas as contrariedades e para além de todos os momentos difíceis ou, até, de dor, que possam surgir-nos como duras provas.

Viver bem é vencer esses obstáculos, de alma limpa e com vontade forte, «sorrindo às dificuldades».

Viver bem não é viver fàcilmente. É ter coragem, decisão e ânimo firme para, sem transigir no rumo, fazer «em passo de escoteiro» a caminhada que a cada um pertença.

Fazendo-o, viveremos sempre, na paz de Deus, e poderemos um dia armar a nossa tenda, junto a Baden-Powell, no último acampamento.

Aqui, no Quénia, está presente Baden-Powell, sob um sinal de *fim de pista.*

Na nossa vida, não importa em que parte do Mundo, a sua presença tem de ter outro sinal de pista de escoteiro. E esse só pode ser: *siga a toda velocidade na direcção da seta e por cima dos obstáculos.*

Todos aprendemos esse sinal nos nossos jogos.

É preciso saber aplicá-lo neste jogo da nossa vida.

* * *

Suponho ter sido o primeiro escoteiro português que caminhou sobre os últimos traços da pista de Baden-Powell, até junto da sua sepultura.

E é esse escoteiro o Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Pensando em vocês todos e em nome de todos vós, quis vir dizer a Baden-Powell que estávamos presentes para cumprir a sua mensagem e «sempre prontos» para seguir a sua pista.

Aqui, em nome de vocês todos, repeti a nossa Promessa.

A minha promessa, que foi vossa, tem de ser cumprida.

A presença de Baden-Powell está com todos nós na última frase da sua última mensagem:

«Sempre Prontos», para viverem felizes e morrerem felizes — fiéis à vossa promessa de escoteiros — quando, mais tarde, vocês deixarem de ser rapazes. E que Deus vos ajude a conseguir isso».

* * *

ESCOTEIROS DE PORTUGAL:

Desta terra de África — e África é terra de escoteiros — dou-vos o sinal de pista: *seguir a toda a velocidade na direcção na seta.*

Para a seta só há uma direcção: DEUS, PÁTRIA e FAMÍLIA.

Ao caminho, pois.

NIERI (Quénia), 28 de Julho de 1952

JORGE PEREIRA JARDIM

Reunião de Comissários Internacionais

A fim de tomar parte na reunião de Comissários Internacionais Escoteiros, que em 1950 se realizou em Lisboa e se efectua agora na Itália, partiu para este país o Sr. Victor Manuel Lima e Santos, Secretário das Relações Exteriores do C. N. E., que ali foi representar a sua associação.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, não nos foi possível publicar o livro «Provas de Patatenra», que tanto interesse tem despertado nos nossos estimados assinantes, do que pedimos desculpa.

O «SEMPRE PRONTO»

vende-se na Tabacaria Boa-Hora

Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

O "POW-WOW,, DO VELHO LOBO

10.ª PALESTRA

Meus Irmãos:

Tem-se dito, com certa razão, que somos um povo de sorumbáticos, e têm sido estrangeiros quem o tem mais frequentemente afirmado, sobretudo os que nos visitam vindos da fronteira terrestre. Efectivamente, depois de se ter observado a ruidosa alegria dos nossos vizinhos, especialmente castelhanos e andaluzes, a nossa maneira de ser dá aos nossos visitantes a impressão de sermos macambúzios, tristonhos e pouco expansivos, não se encontrando cidade alguma, nem mesmo Lisboa, com aquele ar risonho das gentes que cativa em Espanha.

No entanto, o Povo Português, particularmente aqui no Norte, é ruidosamente expansivo e é vê-lo quando chega a época das romarias, percorrendo léguas e léguas seguidas, sempre em descantes e quase sempre a dançar, indiferente ao cansaço, à ardência do Sol e à escabrosidade dos caminhos. E então é ouvir essa gente dando largas à sua alegria, improvisando bailaricos a cada canto e cantando em coros expontâneos, mas nem por isso menos cheios de harmonia.

Por outro lado, meus rapazes, a cada passo se nos depara o quadro magnífico de gentes de foice em punho curvadas na faina violenta das ceifas, a cantar estridentemente, como se as suas cantigas tivessem o condão de aligeirar o trabalho. Onde se usa ainda o mangual para separar o grão da palha, também a malhada, mais violenta do que a ceifa, é motivo de cantigas, que sobem no ar em ondas de harmonia, que se repercute pelos largos horizontes, tantas vezes contribuindo para mitigar a tristeza dos que as ouvem e se sentem contagiados dessa alegria sã que a boa gente do campo ainda sabe sentir.

Mas é a alegre faina das vindimas a que tem a primazia entre todos os trabalhos agrícolas pelas ruidosas manifestações a que dá lugar, quando as cantigas se cruzam no ar, tantas vezes em forma de remoques que despertam a hilaridade dos outros vindimadores, ou os dichotes cheios de espírito que provocam a gargalhada aberta, sonora e retumbante, a velha gargalhada portuguesa, que hoje só no campo ainda se ouve.

Quem se manifesta deste modo nos folguedos ou nas fainas de todos os dias, não pode ser considerado sorumbático ou macambúzio. A que atribuir então o apodo de tantos estrangeiros? Creio que ao aspecto da gente nas nossas cidades, de que não encontramos nenhuma com o aspecto ligeiramente alado e risonho de Paris nos *boulevards,* ou de Madrid que tem na Puerta del Sol o ponto convergente de toda a sua alegria estuante. As nossas cidades têm um ar soturno, que por vezes confrange, ar que, na Província, toma um aspecto de fúnebre adormecimento que arripia. É preciso ir às aldeias, particularmente às minhotas ou da Beira Litoral, para aí nos retemperarmos do ar sorumbático das nossas cidades e do aspecto macambúzio das gentes que nelas vivem.

Meus rapazes: o bom humor é uma das qualidades inerentes a todo o Escoteiro. Tem-se dito que ele nasce da saúde, mas isto não é verdade. Há rapazes — sobretudo hoje — cheios de saúde que se movem apagadamente, ia a dizer espectralmente, com o aspecto de quem arrasta uma pesada cruz em vida e está ansioso por se libertar desta tremenda maçada que é viver. E é vê-los, à roda das mesas dos cafés, seu poiso obrigado, olhando vagamente a atmosfera ou para quem passa, cheios de tédio, um tédio vagamente enjoado, como quem não tem um fim sério na vida e anseia por passar a outro planeta mais interessante... Mas se adrega de falar-se de desporto, então todos esses moços se inflamam, daí nascendo uma discussão feroz, durante a qual se cruzam como balas os termos mais abstrusos e rebarbativos.

Meus rapazes: B.—P., que conhecia muito bem a psicologia da gente nova, incluiu na Lei do Escoteiro uma, a 8.ª, que tem sido mal compreendida pelos Escoteiros portugueses e até pelos de outros países, havendo algumas associações que a eliminaram do seu Código escotista:

O ESCOTEIRO SORRI E ASSOBIA EM TODAS AS DIFICULDADES

Vejamos: será possível obedecer *integralmente* a esta Lei? Conta o Cap. Roland Phillips nas suas *Cartas a um Guia de Patrulha* que, primitivamente, B.—P. escrevera «em todas as circunstâncias» e não como hoje a Lei está ridigida, sendo levado a modificá-la por causa da estupidez dum Escoteiro que, acompanhando um enterro ia a rir-se. Repreendido pelo Chefe, retorquiu-lhe citando a 8.ª Lei, que ele estava a cumprir! Claro que, infelizmente, era natural supor que outros, por esse mundo fora, pudessem interpretar dessa maneira estúpida o espírito da Lei. Porque, na maior parte dos casos, é o ESPÍRITO e não a *letra* o que importa no cumprimento da Lei, mas esse espírito só é acessível àqueles que se encontram perfeitamente integrados no ideal do Escotismo e para este vieram de ânimo alegre e coração aberto.

Será, pois, possível «sorrir e assobiar» em todas as dificuldades, como preconizou B.—P.? Podereis, talvez, responder que isso depende do temperamento de cada um. Eu, porém, dir-vos-ei, que sim, que é possível fazê-lo em *todas* as dificuldades, porque um Escoteiro deve saber dominar o seu subconsciente, isto é, deve obedecer às ordens do seu cérebro e não às dos seus impulsos momentâneos. Faz-me pena, meus rapazes, ver tantas vezes jovens dos dois sexos deixarem-se levar pelos seus impulsos de momento, nada fazendo para impedirem os arrebatamentos da cólera. E ainda me faz mais pena, à mistura com um sentimento pronunciado de repulsa, ouvir esses jovens praguejar da forma mais inconveniente.

As pragas e as imprecações, sobretudo aqui no Norte, são duma frequência tal que já não espantam senão os espíritos delicados em excesso. Por tudo e por nada se pragueja, por vezes de modo que faria corar aqueles velhos porta-machados que, pelo visto, ficaram na tradição como a gente mais sem-vergonha que possa imaginar-se. A praga demonstra o domínio do subconsciente sobre o racional, devendo, portanto, evitar-se por todos os meios, como indigna de gente educada, sobretudo indigna de um Escoteiro. B.—P. refere no seu belo livro que o capitão John Smith, que todos conhecem por causa da história de Pocahontas, a índia que o salvou da morte, costumava castigar os seus soldados que praguejavam dum modo inofensivo mas eficaz: todas as vezes que um deles soltava uma praga, mandava despejar-lhe um balde de água fria na manga do casaco, o que, pelo que se sabe, deu magnífico resultado.

Num grupo de Escoteiros há outras maneiras de corrigir esse defeito tão português, de que tantos se vangloriam, mas que só denota inferioridade mental e deficiência de educação moral. Um desses meios é,

(Conclui na 6.ª página)

Vamos organizar Alcateias de Lobitos

O nosso apelo para a organização de Alcateias de Lobitos parece não ter tido grande eco nos meios escotistas. Lamentàvelmente os grupos de Escoteiros de Portugal caíram num estado de apatia, que não há nada que faça despertar o seu entusiasmo e estimulá-los a uma actividade mais intensa. O Escotismo, entre nós, está perdendo aquele carácter de acção e vida que justifica o título de MOVIMENTO e não de mera associação. Precisamos de combater tenazmente esta passividade e apelamos para todos os Escoteiros, particularmente para os Seniores, para que usem a sua mocidade estimulando a vida dos nossos Grupos, promovendo iniciativas, agitando ideias, fomentando uma vida própria de gente nova e, sobretudo, própria de escoteiros. Não podemos ficar eternamente à espera que esse estímulo venha dos órgãos superiores, temos nós próprios de o fomentar nas unidades escoteiras.

Os Lobitos constituem uma Divisão que urge fazer ressurgir nos Escoteiros de Portugal. Não faz sentido que quase não existam Alcateias na nossa Associação. Este trabalho será uma forma de dar nova vida ao Movimento, rejuvenescendo as suas fileiras com elementos novos, preparados desde a infância no ramo lobito.

Que nos conste, apenas uma única Alcateia se encontra em fundação. O Grupo n.º 10, com sede na Rua de S. Bento, 636, em Lisboa, está dando os primeiros passos neste sentido. O trabalho está a cargo duma jovem, estudante universitária, conhecedora já da natureza infantil e habituada a educar crianças segundo métodos modernos muito semelhantes às normas escoteiras. Este facto, é uma promessa de bom êxito que sinceramente desejamos e esperamos.

De Madrid chegam-nos também palavras de estímulo do nosso bom amigo Enrique Genovés, que nos envia uma palestra que sobre o assunto fez aos membros do Clã Lobo Gris, e que temos muito gosto em traduzir para os nossos leitores, já que o saber escotista deste nosso colaborador dedicado merece que o escutemos e ponderemos os seus conceitos.

Depois destas linhas escritas chegou-nos a notícia de que o Grupo n.º 78, anexo à Igreja Presbiteriana da Figueira da Foz, vai também organizar uma alcateia.

Lobitismo



De acordo com os nossos planos, hoje, durante esta excursão, devemos finalizar os nossos estudos sobre Lobitismo, e é a mim, por acaso da designação, que me corresponde falar em último lugar. Procurarei cumprir o meu serviço, de modo que todos possais compreender as minhas ideias sobre os Lobitos.

Como estou seguro de que nenhum de vós será algum dia Lobito, e, ao contrário, pode acontecer que, luzindo o penacho amarelo sobre o seu chapéu, algum se ponha à frente de uma Alcateia de travessos pequenos, vamos hoje falar de Lobitismo do nosso ponto de vista, de futuros dirigentes, de Seniores que estão dispostos a conhecer todos os segredos do método powelliano.

É possível que a Divisão Lobito seja uma das partes do Escotismo mais difícil de compreender para aqueles que têm muitos anos de Escoteiros, sem terem trabalhado directamente nas Alcateias. E precisamente por nós, porque todas as nossas recordações recentes, da vida de Patrulha, os diplomas, os concursos e acampamentos, a responsabilidade como Guia ou como Sachem de qualquer espécie, não têm aplicação directa nos sistemas de Lobitos. Isto à primeira vista parece estranho, porém meditai um pouco e vereis que não o é tanto.

Para um observador superficial que se reduz a saber que o caminho powelliano está formado por Lobito-Escoteiro-Sénior-Caminheiro, o Lobito é só o ponto de partida de um caminho que segue recto por todas as etapas seguintes, sem solução de continuidade. A sua lógica—sempre superficial—diz-lhe que em Lobito se marca uma direcção que não se abandona mais, reduzindo-se, em essência, a ampliar os conhecimentos e disciplina, dentro da mesma linha de princípios pedagógicos, à medida que aumenta a idade do rapaz. Isto não é totalmente certo.

Se o sistema de Lobitos se seguisse até chegar a Caminheiros, com todas as ampliações de práticas e provas que se queira, o Escotismo seguia um caminho falso. O Caminheiro, moralmente, seria um homem débil, sem iniciativa própria, sem ideia da responsabilidade, sem dotes de dirigente, sem consciência de colectividade; ainda que, isso sim, um perfeito subordinado, um homem-massa ideal. Se o Lobitismo ampliado se seguisse até à idade dos 20 anos, o Escotismo não tinha logrado afiançar-se no mundo como o melhor sistema pedagógico de formação do carácter da juventude, de educação cívica, porque não haveria tido em conta a evolução psicológica do rapaz nas suas diversas idades. Por isso, aos 11-12 anos o rumo do Lobito sofre um brusco giro de 90°, que se repete aos 18-19 anos, quando se é investido Caminheiro.

(Continua na 5.ª página)

Problemas associativos

(Conclusão da 1.ª página)

de lógica e de senso. E nós precisamos, sobretudo, de dirigentes sensatos. O facto de se pretender, em momento tão crítico, reformar os Estatutos, é já uma falta de senso e de prudência. A história da Associação dos Escoteiros de Portugal durante estes 40 anos de existência, por onde passaram tantos milhares de escoteiros, que tanto honram o Movimento, faz dela um organismo que nos deve merecer respeito e não pode nem deve estar a mercê de caprichos. Como nos escrevia um antigo escoteiro, daqueles que por cá batalharam e ainda hoje, apesar das responsabilidades da sua vida, continua interessado e ajudando sempre que pode, a A. E. P. não é propriedade de «um grupo», nem sequer dos actuais escoteiros, mas é um depósito que nos foi transmitido por outros que se esforçaram por a engradecer. Também não é só de Lisboa; a A. E. P. é de todo o Portugal e devemos escolher os seus dirigentes em todo o país.

A responsabilidade desta eleição cabe aos representantes dos grupos de escoteiros. Que eles estejam à altura da missão e saibam escolher o Presidente que convém, sem atender a partidarismos e sem se deixarem aliciar por promessas de aventureiros, muitos dos quais são os mesmos que nestes últimos anos, pela sua incapacidade, deixaram desorganizar, enfraquecer e desprestigiar a nossa associação. Que a próxima Conferência de Dirigentes marque uma data verdadeiramente histórica nos Escoteiros de Portugal são os nossos melhores desejos.



PROBLEMA N.º 17

«Patatenra» participou pela primeira vez numa parada escotista. Como nunca tinha visto tanto escoteiro junto,—mais do que nunca supusera—aproveitou o ensejo para exalçar o valor do movimento junto de seus familiares e amigos.

Então, dirigiu-se ao Chefe Geral e perguntou-lhe quantos rapazes iriam na parada.

Preocupado com outras ocupações, o Chefe respondeu-lhe: — Olha rapaz! Sei que vêm mais de 600 mas muito menos de 700. Se os separares em grupos de 3, 5 ou 7 sobejam sempre 2. E voltou-lhe as costas.

«Patatenra», ficou muito aborrecido, pois não pode pôr em prática o seu projecto se não houver quem o ajude e lhe diga quantos escoteiros iam na parada.

* * *

(À cada concorrente que dê uma solução certa, ser-lhe-á atribuído 1 ponto).

Intercâmbio por correspondência

O escoteiro Nelson Gonçalves, residente na Rua Augusta n.º 1388, na cidade de S. Paulo, Brasil, deseja estabelecer correspondência com escoteiros portugueses e fazer permuta de publicações, fotografias, revistas ou livros.

Vamos organizar uma Alcateia de lobitos

(Continuação da 4.ª pagina)

Tendo em conta que no Escotismo todo o sinal externo tem um simbolismo, uma razão de ser, um porquê, haveis alguma vez pensado porque os Lobitos vestem um uniforme distinto do nosso? Precisamente com isso quer marcar-se a diferença que caracteriza as Divisões do Movimento, pretende-se fazer notar a todos que o Lobito, ao converter-se em Escoteiro, deixa atrás toda uma etapa distinta, acabada já, e muda de uniforme, de armadura, para lançar-se a uma nova vida que fará dele um homem completo.

Uma vez perguntaram-me porque não se começava a praticar o Escotismo aos 8 anos de idade, em lugar dos 11 ou 12. Lògicamente aproveitar-se-iam quatro anos que, com o Lobitismo, se não se desperdiçam, parece que ficam como coisa superficial. A correcta contestação a esta pergunta é possível que nos dê a exacta definição da Divisão Lobito, pelo que devo tratar de expor a minha resposta a tal pergunta.

A única razão reside na diferença psicológica do rapaz nos 8 ou nos 12 anos. Característica principal de tal diferença é uma acusada individualidade no Lobito, individualidade que cerca dos 11-12 anos evoluciona já para um sentido colectivo da sua vida, uma tendência à reunião em pequenos grupos ou bandos, tendência que foi estudada pelo Escotismo e aproveitada para a implantação do Sistema de Patrulhas, o principal pilar sobre que assenta o êxito da formação de Escoteiros.

A individualidade psicológica da criança de 8-11 anos é consequência de um quadro de qualidades quase todas negativas. O rapaz desta idade tem uma exagerada opinião de si mesmo, é egoísta, fanfarrão, solitário mental, muito curioso e imitador inato de tudo quanto vê e chama a sua atenção. Sobre este quadro de qualidades morais tem que trabalhar o Lobitismo, e como, em termos gerais, tais qualidades são negativas, todo sistema educativo deve fazer o possível por anulá-las e transformá-las, dando lugar à aparição de outras diametralmente opostas, que permitam ir formando paulatinamente o bom cidadão que o Escotismo pretende.

Como de per si, o rapaz, melhor dito, a sua psicologia, muda cerca dos 11-12 anos, o método escotista ideado para os rapazes de mais idade não podia ser aplicável aos que têm menos anos e se encontram atravessando aquela etapa de valores negativos. Para isso criou-se o Lobitismo.

O Chefe de Lobitos terá de realizar tal labor apoiando-se quase exclusivamente na curiosidade da criança, no seu instinto de imitação e num subconsciente de generosidade que, muito escondido, costumam guardar as crianças no seu interior, e cujas manifestações externas são quase sempre desconcertantes.

Como pode o Chefe de Lobitos dar cumprimento a tal missão? Na essência, mantendo na sua Alcateia uma constante actividade colectiva que anule o individualismo dos seus lobitos, forçando-os a jogar francamente com espírito de equipa, como parte de um todo; utilizando a curiosidade dos rapazes para interessá-los em coisas que desenvolvam o seu corpo e a sua habilidade, conduzam o seu espírito por horizontes amplos e generosos, que os levem de um modo quase inconsciente pelo caminho desejado, conseguindo uma dependência doce, porém absoluta, do Velho Lobo, que, convertido em ídolo da Alcateia, aproveitará o instinto de imitação dos Lobitos para lhes inculcar com o seu exemplo as características morais que buscamos.

Eu considero que a missão de Aquelá é a mais difícil dentro do sistema educativo do nosso Movimento, porém parece que não o crêem assim, e por isso vemos tantos Chefes de Alcateia carregados de boa fé e grande vontade, que levam os seus lobitos por caminhos completamente errados.

Aquelá está só, e só ele conseguirá bons ou maus lobitos. Os seus Guias não podem, nem devem, ter nenhuma responsabilidade, e os Bandos, ao contrário das Patrulhas, só são unidades orgânicas, sem coesão sólida nem vida própria. Aquelá pode, por exemplo, ser ajudado a ensinar nós aos seus lobitos por um Escoteiro, porém não pode encarregar nem confiar a ninguém a missão de vigiar e estudar constantemente o carácter e reacções morais de cada um dos lobitos, que é aquilo que interessa em definitivo. Daí que nenhum Aquelá pode treinar eficazmente a mais de 24 lobitos na sua Alcateia, e ainda tal número só deve ser designado a Chefes de reconhecida capacidade. O comummente aceite, depois de laboriosas experiências e atentos estudos, é que cada três Bandos precisam dum Aquelá. Podemos afirmar rotundamente que quem sonha com dirigir uma Alcateia de 60 a 80 garotos, não tem a menor ideia do que são rapazes, e não consegue educar nem um só Lobito, tal e como concebeu B.-P. Isto coloca, uma vez mais, o terrível problema da falta de chefes.

(Conclui na 6.ª página)

NOVOS GRUPOS

Dentro do programa que a Comissão Organizadora da União Evangélica, Corpo constituído pelos grupos evangélicos da nossa Associação, está realizando, encontram-se em organização os seguintes grupos:

Juventude Evangélica Portuguesa, na Avenida de D. Carlos I, 35, 2.º D.º. Encontra-se aberta a respectiva inscrição de aspirantes e está indigitado para chefiar este Grupo o Escoteiro Senior Carlos Mamede, do Grupo n.º 53.

Igreja Evangélica Lisbonense, Rua Febo Moniz. Também se encontra aberta a inscrição de aspirantes, que pode ser feita especialmente ao Domingo de manhã, durante a Escola Dominical.

Igreja Evangélica de Almada. Está já em funcionamento este grupo em organização, tendo as suas reuniões às terças-feiras, às 21 horas. Será chefiado pelo jovem estudante Amiel Ferreira e Silva e possui 8 aspirantes que estão a prestar as provas de 3.ª classe.

As reuniões foram um pouco prejudicadas com a época de férias, mas vão passar a ser realizadas com toda a regularidade, em virtude do regresso dos elementos ausentes.

Igreja Presbiteriana de Moura.—Também em Moura se projecta a formação de um grupo de escoteiros. O Pastor da Igreja Sr. Alfredo L. Vasco está encarregado da organização e reuniu já alguns aspirantes.

Igreja Presbiteriana do Funchal — Como fruto de diligências feitas pelo nosso caro amigo Sr. José Luís Carreiro Jr., estudante do Seminário Evangélico, encontra-se em activa reorganização um grupo de escoteiros nesta igreja da cidade do Funchal. Há grande entusiasmo e está colaborando na iniciativa um antigo dirigente escoteiro, o sr. José Correia.

Mais grupos devem surgir em breve, um deles na cidade do Porto, e espera-se que este esforço, que vem sendo realizado com todo o interesse, possa contribuir para um maior vigor do Escotismo entre nós.

— • • o • • —

Ora faça o favor de rir...

Um rico avarento

Um homem muito rico, mas muito avarento, cuja herança era cobiçada por um sobrinho, recebia deste, amiudadas vezes, magníficos presentes, e o avarento nem ao menos se lembrava de gratificar o criado que lhos levava. Este, furioso contra o velho, um dia em que lhe levou um novo presente, um casal de perus, atirou-lhe com estes aos pés e disse-lhe com mau modo:

—Aqui estão estes perus que lhe manda o meu amo.

—Malcriado! — disse-lhe o velho indignado, —isso são maneiras de entregar um presente?

—Ora essa, — respondeu o criado, — como queria então que lhos entregasse?

—Deste modo, — retorquiu o velho,— um pouco de educação não custa dinheiro a ensinar. E, pegando nos perus, voltou-se para o criado, tirou o chapéu e disse-lhe:

—O meu patrão deseja-lhe muita saúde e ao mesmo tempo envia-lhe este casal de perus, pedindo mil desculpas da insignificância da oferta.

«Era assim que devias ter dito, bruto.

O criado, porém, tinha-se impertigado, e, tirando da algibeira uma moeda de cinco escudos, pegou nos perus, dizendo para o velho:

—Dize ao teu amo que não tem de me pedir desculpa, antes, pelo contrário, sou eu que tenho a agradecer-lhe a amabilidade da lembrança o que à vista farei. Toma para ti 5 escudos e bebe com eles uma garrafa de vinho à minha saúde. Assim é que é, meu sovina. E metendo a moeda de cinco escudos na mão do velho estupefacto, voltou costas e foi-se embora com os perus.

O «POW-WOW» DO VELHO LOBO

10.ª PALESTRA

(Conclusão da 3.ª página)

por exemplo, o pagamento duma multa, cujo produto se aplicará na aquisição de qualquer peça de material a que se dará o nome de «.....(o nome da peça) do Testemunho» e poderá constituir constantemente uma espécie de recordatório daqueles que tornaram possível a sua compra.

Outro poderá ser uma tábua, no caso de ser na sede, ou um mastro liso e relativamente grosso, no caso de ser no campo, ao qual se dará o nome de «Poste do Testemunho», e no qual se escreverá o nome de cada um dos praguejadores ou mesmo dos que são de temperamento conflituoso, marcando-se com uma incisão funda cada uma das vezes que ele soltar uma praga ou provocar conflito. Logo que as incisões atinjam certo número, dez por exemplo, o E. C. convocará o Conselho de Guias, que se arvorará em Tribunal de Honra, e resolverá qual o castigo mais adequado a aplicar ao delinquente: andar sem chapéu para se distinguir dos camaradas; não se lhe permitir o uso das insígnias de cargo; encarregarem-no de tantas faxinas seguidas quantas as incisões do poste; etc..

Disse B.-P.:

> *"Geralmente, um homem que praguejа é um homem fàcilmente transtornado, e que perde a cabeça nas situações difíceis; portanto, não é pessoa com quem se possa contar. É preciso que queirais conservar-vos inalteráveis nas maiores dificuldades, e quando vos encontrardes particularmente impacientes, exaltados ou irritados, não praguejeis: fazei por sorrir e ficareis bem num instante".*

As pragas e imprecações são próprias dos temperamentos fàcilmente irritáveis, portanto conflituosos. Muitas vezes foram pessoas criadas em ambiente com todas as facilidades, em que a vida lhes correu sempre «num mar de rosas» e que, por isso, ignoram o que é uma dificuldade a vencer, deixando-se, assim, levar por uma cólera perfeitamente afim da das crianças quando as contrariam. Se numa dificuldade uma pessoa começar a praguejar, a calma de que precisaria para vencê-la desaparece totalmente pelo aumento do estado de irritação. Uma forma de dominar esta irritação é começar imediatamente o fazer uma série de exercícios respiratórios ou, pelo menos, inspirar fundo duas ou três vezes, *comandando* simultâneamente ao seu subconsciente: *Quero conservar-me calmo!* E se coroarmos tudo isto com um bom sorriso, a irritação desvanecer-se-á e muitas vezes chegaremos a rir francamente ao observarmos que a *tal* dificuldade não passava dum «papão» que poderíamos ter fàcilmente vencido se não nos tivéssemos deixado levar pela exaltação inicial.

Notai, meus rapazes, que o mau-humor, o aspecto irritado, as respostas desabridas, os maus modos, as pragas, as imprecações e os ralhos, não só servem, como dizem com graça os Franceses, para *se faire du mauvais sang*, mas ainda, e sobretudo, para alienar as simpatias de quantos com quem se convive. O Escoteiro deve estar sempre de bom humor, mas esse dever DEVE ser-lhe imposto pela sua própria consciência e não por quaisquer normas, preceitos ou regulamentos: só assim poderá ser feliz; só assim poderá fazer felizes aqueles com quem convive. Que desde pela manhã, logo que lhes apareceis pela primeira vez, até à noite, quando deles vos despedis, nem um só momento dos vossos lábios desapareça o sorriso, sorriso amigo, acolhedor e leal, que deve fazer de vós simpatias vivas e irradiantes. Será esse sorriso quem há-de salvar o Mundo do caos e fará perpètuamente reinar a Paz sobre a Terra.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

IV Acampamento Regional do Algarve

A patrulha «Egas Moniz» do Grupo n.º 6, organizou este ano o IV Acampamento Regional do Algarve que se efectuou em 26 e 27 de Julho passado no sítio de Belmonte, a um quilómetro de Olhão, actividade que constituiu um verdadeiro êxito e em que comparticiparam 116 elementos, assim distribuídos: 6 escoteiros do Grupo 59, de Tavira; 18 do Grupo 77, de Faro; 1 do Grupo n.º 157 do C. N. E, e o Grupo n.º 6, de Olhão, com o seguinte efectivo:

55 escoteiros e dirigentes.
21 lobitos
10 auxiliares da D. A. F.
5 fadas.

O acampamento foi visitado pelas famílias dos escoteiros acampados e por antigos escoteiros. No dia 26 cumpriu-se um interessante programa de campo com jogos e concursos, realizando-se à tarde uma atraente festa de campo com imposição de insígnias e estrelas de serviço a diversos escoteiros, entrega de prémios e galhardetes, promessas de Fadas e Lobitos, e Compromisso de Honra de novos Escoteiros, um dos quais do Grupo de Tavira.

O Grupo n.o 77 fez a entrega à Patrulha promotora do Acampamento de uma fita significando o apreço daquele Grupo de Faro pela organização de tão agradável actividade.

N. da R. — *Notamos, com pesar, que o Grupo 60 de Vila Real de Santo António não esteve, parece-nos que pela primeira vez, presente no Acampamento Regional do Algarve. Isso parece significar que os escoteiros de Vila Real de S.to António estão a deixar arrefecer o seu entusiasmo e contribuindo para o enfranquecimento do «60», grupo que tem tá boas tradições.*

Vamos organizar uma Alcateia de lobitos

(Conclusão da 5.ª página)

Gravai bem em vossa mente que Aquelá é o único que pelo seu único esforço logrará bons ou maus lobitos. Essa questão implica uma grave responsabilidade que não deve temer-se, porém que não pode aceitar-se inconscientemente e de forma ligeira. Todos os que fomos investidos como Caminheiros Activos, tivemos tempo, enquanto velávamos as armas junto ao fogo do Conselho, em repouso debaixo das estrelas, de pensar na transcendência do passo que íamos dar, e, contudo, aquilo que não era nada comparado com o facto de se decidir a colocar a cabeça de lobo no nosso chapéu. Se fracassássemos como Caminheiros, só fariamos dano a nós próprios, porque a Fraternidade Caminheira é bastante sólida para não sair prejudicada pela nossa nulidade. Ao contrário, o fracasso como Aquelá pode destroçar, ou pelo menos atrasar notàvelmente, a vida espiritual e moral de um punhado de rapazes postos em nossas mãos por uns pais que tinham fé no Escotismo. Em consciência, e eu estou seguro de que todo o Caminheiro é um homem que a possui, o assunto é bastante grave.

Por isso, se algum dia formos chamados ao Lobitismo, eu aconselho que meditemos bem friamente na nossa vocação e capacidade para tão árido labor. Desde que convençamos a nós próprios de que somos capazes de sair airosos do encargo, lancemo-nos com os Lobitos com toda a força do nosso entusiasmo e com todo o fogo do nosso coração.

.....

Margens do Guadarrama, Primavera de 1949.

Enrique Genovés
Ojo de Lince

Daqui lançamos um apelo àqueles nossos camaradas para que não deixem apagar o «facho» nesse extremo sul da nossa Pátria, expressando, com este apelo, toda a simpatia do «Sempre Pronto» pelos escoteiros do Grupo 60.

O acampamento nacional dos escoteiros católicos deixou boas impressões em todos os que se deslocaram a Coimbra

De 17 a 24 de Agosto, a famosa mata do Choupal, em Coimbra, regurgitou com a presença de centenas de escoteiros, tanto portugueses como estrangeiros, que ali foram erguer, à sombra de árvores seculares, dezenas e dezenas de tendas de todos os feitios e matizes.

O 9.º Acampamento Nacional do C. N. E., tendo o condão de atrair à famosa Rainha do Mondego rapazes de várias nacionalidades (ingleses, franceses, belgas, alemães, austríacos e até um casal espanhol) assim como de várias religiões (católicos, protestantes, e, segundo ouvimos dizer, hindus e judeus) fez, por momentos, lembrar um *jamboree*, essas famosas concentrações mundiais de Escoteiros. E até a poeira, aquela poeira fina e penetrante que o Choupal ganhou, certamente, das cheias do Mondego, foi, dentro de certa medida, uma invocação de Moisson, o inolvidável *Jamboree* de 1947.



Escoteiros dos Grupos 15 do Porto, 91 de Gaia e 78 da Figueira da Foz, que visitaram Coimbra e o Acampamento do C. N. E.

São de calcular os sacrifícios que a organização de um acampamento desta natureza representa, e por isso é de enaltecer o esforço dos dirigentes do C. N. E. para conseguirem levar a cabo esta empresa.

O «Sempre Pronto», usando de um amável convite, fez-se representar pelo administrador e redactor principal, tendo tido ocasião de colher umas impressões sobre esta actividade escotista.

Se a ornamentação de quase todos os subcampos era deveras deficiente ou mesmo nula, o que é sempre de lamentar em actividades desta natureza, os serviços centrais do acampamento primavam pelo bom funcionamento. Assim o acampamento estava provido de um bem montado hospital, de uma recheada barraca de abastecimentos, serviços de correio e de telefones eficientes, e, além disso, todo o campo dispunha de iluminação eléctrica e de instalação sonora. Foram publicados diversos números de um jornal de campo, de bom aspecto gráfico. Todo este conjunto de predicados denunciam um laborioso trabalho de organização que é justo destacar.

Dado o valor turístico da região de Coimbra, efectuaram-se durante a semana excursões à Figueira da Foz e ao Luso, Buçaco e Penacova, que foram muito concorridas.

A vida no acampamento obedecia a um programa prèviamente traçado, que foi quase sempre mais ou menos cumprido, o que nem sempre se consegue fazer em actividades deste género. Realizaram-se diversos concursos de campo, e, em dias determinados, fizeram-se, à noite, fogos de conselho. No sábado houve velada de armas, que despertou muito interesse em todos os presentes.

No domingo, com a presença do Sr. arcebispo primaz e do Sr. arcebispo-bispo-conde, assim como de numerosas personalidades civis e militares do distrito e numeroso público, houve uma festa de campo de encerramento, em que o Sr. Rev. Ferreira da Silva proferiu um discurso em que fez algumas considerações sobre o escotismo católico e sobre a organização do acampamento, tendo agradecido a colaboração que, de toda a parte, lhe tinha sido prestada.

Na festa de campo foram distribuídos prémios de vários concursos e as delegações apresentaram vários números folclóricos e brincadeiras diversas, que foram muito apreciados pelo público. A festa terminou com uma alocução pelo Sr. arcebispo primaz, finda a qual o chefe do acampamento, o Sr. D. José de Lencastre deu por finda a agradável reunião.

À noite houve ainda um fogo de conselho que atraiu farta assistência, onde se exibiram alguns números originais e canções escotistas que arrancaram boas revoadas de aplausos.

Os Escoteiros de Portugal fizeram-se representar pelo escoteiro-chefe geral, Sr. Eng.º Nobre Santos e pelo E. S. Ernesto Nascimento e ainda por elementos dos grupos 15 e 91, do Porto; 55, de Leiria; 84, do Entroncamento; 78, da Figueira da Foz, e 53, 85 e 94, de Lisboa.

Enfim, uma actividade que merece ver repetida nos próximos anos e que deixará muitas saudades naqueles que nela tomaram parte.

Interessante notar, como nota de espírito escoteiro e cristão, que dos oito grupos da A. E. P. que estiveram em Coimbra, apenas dois não eram grupos evangélicos.

LIVROS

À venda na Redacção do «Sempre Pronto»

O Guia do Chefe Escoteiro, de Baden-Powell, a obra do Fundador indispensável a todos os dirigentes escotistas ..... 11$00

Aplicando o sistema de patrulhas, de E. E. Reynolds, esclarecedora história exemplificando o sistema de patrulhas, edição brasileira ..... 4$00

Como iniciar uma tropa escoteira. Explicação da maneira como iniciar um grupo de escoteiros..... 2$50

Postais Ilustrados Escotistas. Edições inglesas..... 1$50

Como tratar e conduzir os Lobinhos, de Gelmirez de Mello.... ... 2$50

Alcoolismo, do Dr. Ayres Serrano e Silva ..... 1$50

Dúzia ..... 15$00

Estatutos da A. E. P...... 2$00

O Escotismo e a Formação Cívica, de Charles del Marmol..... 1$00

Dúzia ..... 6$00

EM FRANCÊS

Quatro excelentes manuais:

Presses et Nœuds décoratifs..... 15$00

Les Ponts ..... 15$00

Nœuds et Passarelles..... 15$00

À L'Echelle..... 15$00

Três obras indispensáveis na biblioteca do Dirigente:

Trente Garçons ..... 12$00

Sois un chef (Guia de Patrulha).... 12$00

Camps Eclaireurs..... 15$00

Caderneta do Lobito Pistes de Jungle 15$00

Manuel de l'Éclaireur o excelente e completo manual dos escoteiros franceses..... 75$00

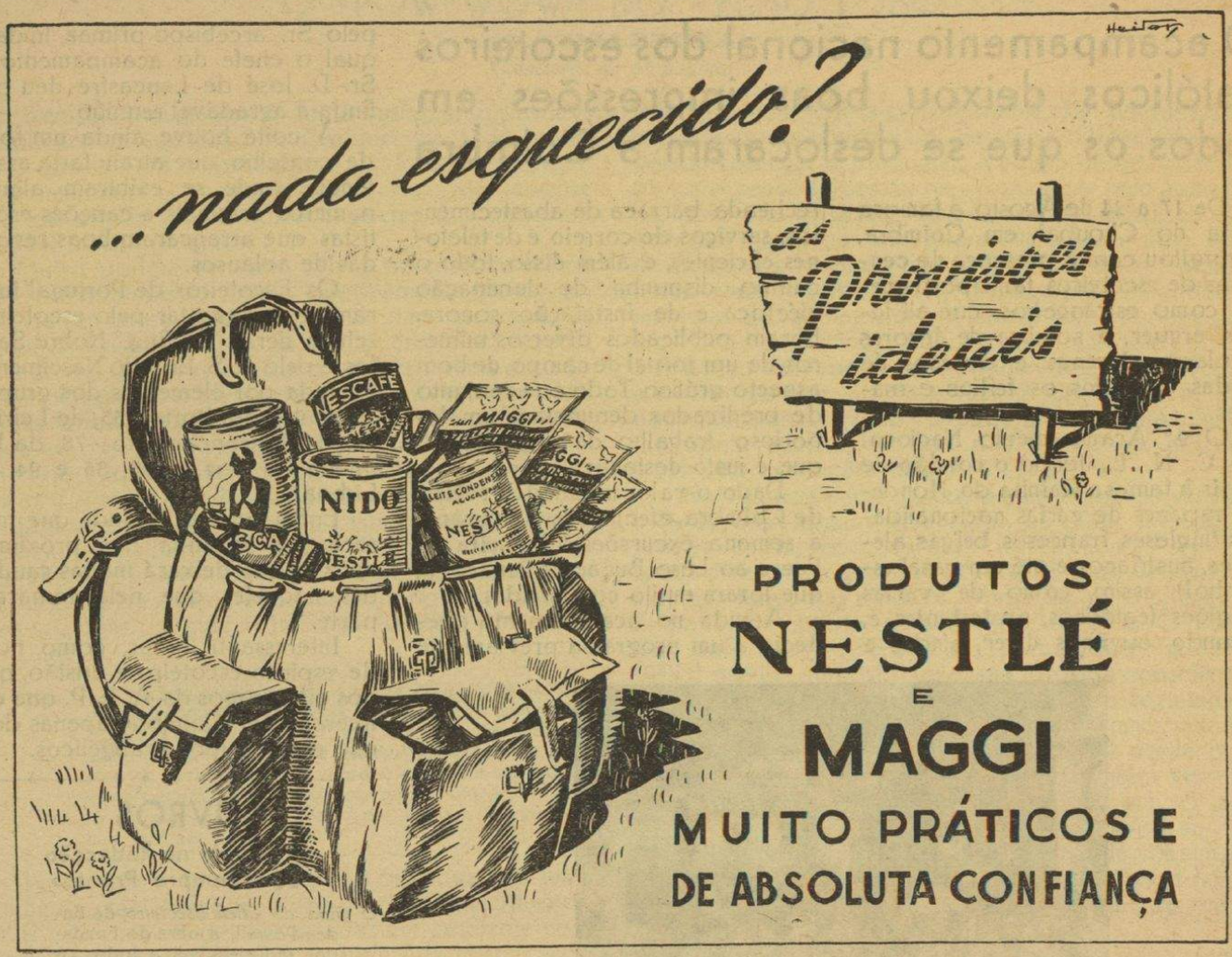
Brevemente nova remessa de edições suíças.

Revista brasileira «ALERTA!...»

Avulso..... 1$80

Assinatura anual..... 30$00

Este número foi visado pela Comissão de Censura.



Dos amigos do "Sempre Pronto"

Doentes—Encontram-se doentes, e internados, com difteria dois filhinhos do nosso estimado assinante Sr. João Pedro de Figueiredo, bem como sua Sogra, mãe do igualmente nosso dedicado assinante Sr. Cláudio Merelo, ambos antigos escoteiros. Formulamos votos sinceros de um restabelecimento rápido.

● **Nascimento**—O lar dos nossos prezados amigos Sr. Jaume Font e de sua Ex.ma Esposa, de Barcelona, foi enriquecido com a chegada do seu segundo filho, o Albert. A estes nossos amigos apresentamos as nossas felicitações, com os desejos das maiores venturas.

ACAMPAMENTOS

GRUPO N.º 5

No Portinho da Arrábida, como já é tradicional, o Grupo N.º 5 realizou o seu acampamento de férias nos primeiros dias de Setembro corrente. No dia 6 festejou-se o aniversário do Grupo e da Associação com um animado fogo de conselho.

GRUPO N.º 10

Em Loures, numa propriedade particular gentilmente cedida, acampou nos dias 14, 15, 16 e 17 de Agosto o Grupo N.º 10, anexo à Igreja Presbiteriana de Lisboa.

O acampamento decorreu com grande satisfação de todos os rapazes, tendo sido visitado por algumas pessoas de família, e tendo-se efectuado um fogo de conselho ao qual assistiram algumas famílias que se encontravam acampadas cerca do local dos escoteiros.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Quinto «Rover Moot» Mundial

O 5.º Acampamento Mundial de Caminheiro efectuar-se-á de 29 de Junho a 8 de Agosto de 1953, na Suíça, conforme resolução da Conferência Internacional de Salzburgo. O lugar do acampamento será em Kandersteg, onde se encontra o já conhecido Chalé Escotista Internacional.

O seu custo está calculado em cerca de 100 francos suíços ou 22 dólares, mas esta importância não foi definitivamente fixada.

O «Rover Moot» será reservado aos Caminheiros com mais de 17 e menos de 25 anos. Cada Delegação terá um único Chefe por cada Grupo de 9 Caminheiros. O número total dos participantes não poderá exceder os 5.000.

Os idiomas oficiais serão o Inglês, o Francês e o Alemão.

Estados Unidos da América

Os Escoteiros da América realizam o seu 3.º Acampamento Nacional, de 10 a 16 de Julho de 1953, em Rancho Irvine, na Costa do Oeste, perto da cidade de Los Angeles, na Califórnia. O local foi seleccionado depois de uma cuidadosa investigação como o mais apropriado para um acampamento de 50.000 escoteiros, limite que foi estabelecido.

A «Boy Scots of América» dirigiu convites a todas as associações escotistas do estrangeiro para se fazerem representar neste acampamento por uma Patrulha, não maior de 8 escoteiros, acompanhada de um Chefe, que serão seus hóspedes.

Checoslováquia

A nossa sincera simpatia vai para alguns membros do Conselho Nacional da «JUNAK», Movimento Escoteiro Checoslovaco, que foram sentenciados em Maio passado a prisão que vai de 3 a 15 anos. Foram acusados de ofensas contra o presente regímen na Checoslováquia. O processo alegava: «O Movimento Escoteiro fundado pelo General Inglês Baden-Powell, é um dos métodos da burguesia dominante para distrair a atenção da juventude do justo combate das classes trabalhadoras contra os seus exploradores. Por meio de falsos *slogans* e palavras de patriotismo e fraternidade pretendem desviar o pensamento da juventude e, pelo padrão da cultura anglo-saxónica e da sua maneira de viver, priva a juventude do seu orgulho nacional».

A fórmula é infelizmente demasiadamente conhecida para requerer comentários. Para entrar numa formal e pública campanha de descrédito através duma propaganda falsa. Isto faz-nos sentir muito a situação dos nossos irmãos escoteiros, das suas famílias e amigos.

Da revista «Jamboree».

J. S. W.

Agentes-Correspondentes

HORTA—AÇORES

Aceitou o convite que lhe fizemos para representar o nosso jornal na cidade da Horta, o Sr. Manuel Argentino de Bettencourt, chefe do Grupo n.º 45, que já se encontra no desempenho da sua missão.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» lhe apresentam boas vindas e esperam que da sua colaboração, que muito agradecem, resultará mais êxito para o nosso jornal.